

VÍTIMA, VILÃ OU HEROÍNA: a imagem de Dilma Rousseff na narrativa do *impeachment*¹

VICTIM, VILLAIN OR HEROIN: the image of Dilma Rousseff in the narrative of impeachment

Carla Candida Rizzotto²

Kelly Prudencio³

Resumo: O artigo trata dos enquadramentos visual e narrativo da cobertura do impeachment de Dilma Rousseff nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo. Para isso a análise dos papéis atribuídos aos personagens nas notícias é associada à análise das imagens que acompanham as matérias, a partir do método de enquadramento multimodal, proposto por Wosniak et al (2014) e Rodriguez e Dimitrova (2011). O corpus da análise é composto de 138 notícias, nas quais pôde-se perceber que a presidenta foi retratada como vítima em 65,2% das vezes, em 27,5% como vilã e em 7,2% como heroína. Nesse universo, Dilma aparece nas imagens em 43,4% das vezes, resultando em 60 matérias que são objeto de nossa análise. Nas imagens, o percentual do enquadramento como heroína sobe para 20% e ainda que o enquadramento como vítima seja predominante, essa vítima é visualizada como ativa, firme e corajosa. Isso mostra que há conflito de enquadramentos e que a cobertura não é uniforme e unívoca.

Palavras-Chave: Enquadramento multimodal. impeachment. Dilma Rousseff.

Abstract: The article deals with the visual and narrative frameworks of Dilma Rousseff's impeachment coverage in the Folha de São Paulo and O Globo newspapers. The analysis of the roles assigned to the characters in the news is associated with the analysis of the images that keep up with the stories, based on the method of multimodal framework proposed by Wosniak et al (2014) and Rodriguez and Dimitrova (2011). The corpus of the analysis is composed of 138 news stories, in which it is possible to observe that the president was portrayed as a victim in 65.2% of the time, 27.5% as villain and in 7.2% as heroin. In this universe, Dilma appears in 43.4% of the time, resulting in 60 subjects that are the object of our analysis. In the images, the percentage of the heroin setting goes up to 20% and although the victimization is predominant, this victim is visualized as haughty, firm and courageous. This shows that there is frame contest and that the coverage is not uniform and onesided.

Keywords: Multimodal framework. Impeachment. Dilma Rousseff.

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político do VII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de 10 a 12 de maio de 2017.

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPR. Doutora em Comunicação. Bolsista PNP/Capes. E-mail: carla_rizzotto@yahoo.com.br.

3 Professora do Departamento de Comunicação e Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Sociologia Política. E-mail: kelly.prudencio5@gmail.com.

1. Introdução

Em 31 de agosto de 2016 a presidenta do Brasil Dilma Rousseff foi afastada definitivamente do cargo após um processo que teve início formal oito meses antes, em 2 de dezembro de 2015, quando o então presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha, acatou o pedido de *impeachment*. A mídia foi uma das protagonistas dessa narrativa: responsável por agendar a pauta, foi acusada de levar multidões às ruas, que pediam a saída da presidenta. A cobertura noticiosa do processo de *impeachment*, todavia, é uma questão multifacetada. A construção narrativa e a utilização de “ganchos” visuais é um mecanismo jornalístico útil para enfrentar o desafio que se coloca diante da produção das notícias de temas com tal característica. A partir disso, a pesquisa global da qual este artigo é um dos resultados, realizada pelo Grupo de Pesquisa Comunicação e Participação Política (COMPA), atrelado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná, buscou na análise de enquadramento multimodal as ferramentas para responder como se deu a cobertura noticiosa da destituição de Dilma Rousseff por três dos mais importantes jornais brasileiros, a Folha de S. Paulo, O Globo e O Estado de S. Paulo. Até o momento foram analisadas 1.076 notícias veiculadas pelos dois primeiros jornais entre os dias 2 de dezembro de 2015, data em que o pedido de *impeachment* foi aceito por Eduardo Cunha, e 13 de maio de 2016, um dia após a aprovação do afastamento provisório de Rousseff pelo Senado. A pesquisa ainda prevê a análise das notícias veiculadas até o dia 31 de agosto de 2016, dia do afastamento definitivo de Rousseff, incluindo também o terceiro jornal.

O enquadramento multimodal, proposto por Wozniak et al (2014), propõe a análise da cobertura noticiosa em três frentes: texto, imagem e narrativa. A análise visual é realizada em três níveis: denotativo, no qual se realiza a descrição da imagem, do cenário, das pessoas representadas e de suas ações; semiótico-estilístico, no qual foram verificados o plano da imagem e o ângulo da câmera; e

conotativo-ideológico, ou interpretativo, momento no qual o pesquisador busca traduzir os símbolos em termos de seus significados sociais. A análise narrativa leva em consideração o grau de narratividade (medido com base na dramatização, emoção, personalização e ornamentação estilística), o gênero narrativo (focado no tema geral da notícia, no tom e nos resultados alcançados) e a verificação dos papéis – vítima, herói e vilão - associados aos sujeitos representados nas notícias. A análise textual se baseia no conceito de Entman (1993), que explica que os *enquadramentos* são compostos pela definição do problema, diagnóstico das causas do problema, julgamentos morais e indicação de soluções.

Neste artigo, a análise dos papéis atribuídos aos personagens é cruzada com a análise da imagem, buscando responder como Dilma Rousseff, a personagem principal dessa narrativa, foi representada pelos dois veículos. Das 1.076 notícias analisadas somente 359 (33,3%) associavam papéis aos personagens. As vítimas apareceram em 39,2% dessas notícias (somente 14,1% do total de notícias), os vilões em 48,7% (17,5% do total) e os heróis em 32% (11,5% do total). Dilma Rousseff recebeu papéis associados a ela 138 vezes: em 65,2% delas foi retratada como vítima, em 27,5% como vilã e em 7,2% como heroína. Dessas 138 notícias, em 60 são encontradas fotografias, as quais –compõem o corpus específico deste artigo, que tem como objetivos verificar quais foram os papéis associados a Dilma, bem como a existência de elementos na imagem que reforçam tal papel através da análise interpretativa da imagem (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011).

Com essa composição, a análise dos enquadramentos narrativo e visual mostra que o *impeachment* de Dilma Rousseff foi reportado como um momento da trajetória pessoal da presidenta, apresentada ora como responsável pela sua própria derrocada ora como vítima da política, enquadramento apoiado também nas imagens que se restringem ao retrato pessoal da presidenta, sem situá-la no cenário político mais abrangente que contextualizaria o jogo de poder que resultou na sua destituição do cargo.

2. Vítimas, heróis e vilões na narrativa do impeachment

As narrativas jornalísticas são construídas a partir de estratégias comunicativas que visam organizar o discurso utilizando operações linguísticas e extralinguísticas como recurso (MOTTA, 2008).

A organização narrativa do discurso midiático, ainda que espontânea e intuitiva, não é aleatória, portanto. Realiza-se em contextos pragmáticos e políticos e produzem certos efeitos (consciente ou inconscientemente desejados). Quando o narrador configura um discurso na sua forma narrativa, ele introduz necessariamente uma força ilocutiva responsável pelos efeitos que vai gerar no seu destinatário. (MOTTA, 2008, p.144)

A análise da narrativa proposta por Wozniak et al (2014) visa investigar tais estratégias a partir da avaliação do grau de narratividade e do gênero narrativo das notícias, bem como da descrição dos papéis associados aos personagens. Do corpus geral analisado, 31,69% das notícias apresentavam algum grau de *dramatização*, ou seja, ao invés de apresentar a informação seguindo a ordem hierárquica de importância – a pirâmide invertida –, a notícia apresentava uma história contada em ordem sequencial, com início, meio e fim; o mesmo percentual (31,69%) continha *emoção*, relacionada aos sujeitos presentes na notícia, demonstrada pela utilização de palavras como “comemorar”, “celebrar”, “cautela”, “indignado”; a *personalização* foi a variável representativa do grau de narratividade que apareceu com maior frequência, 50,85% das notícias eram focadas nos sujeitos e em suas ações; a *ornamentação estilística* apareceu somente em 16,85% das notícias, mostrando que o estilo literário é pouco utilizado pelo jornalismo brasileiro. O gênero narrativo é formado pelo *tema* destacado na notícia e pelo *tom* utilizado. Os temas apareceram na seguinte ordem: assuntos cotidianos (40,52%), foco no personagem (31,09%), conflito político-social (22,36%), história de fracasso (4,41%) e história de sucesso (1,6%). O tom foi neutro em 61,88% dos casos, pessimista em 31,39% e otimista em somente 6,72%.

Neste artigo, o que nos interessa discutir acerca da narrativa, entretanto, diz respeito aos papéis associados aos personagens. Para ser considerado em tal atribuição de papéis o sujeito deve possuir papel preponderante na narrativa. Quando uma pessoa, grupo ou instituição é prejudicado (= ferido, morto) ou sofre, quando precisa ser defendido por outros sujeitos ou age defensivamente, se configura como vítima. O vilão, sendo assim classificado quando responsável por

problemas específicos, prejuízos ou danos em relação a outros. Por fim, o herói é qualquer pessoa, grupo ou instituição que seja admirado por seu sucesso, sua coragem, resultados alcançados ou qualidades nobres. O herói também aparece quando age para defender uma vítima ou quando “luta” contra o vilão.

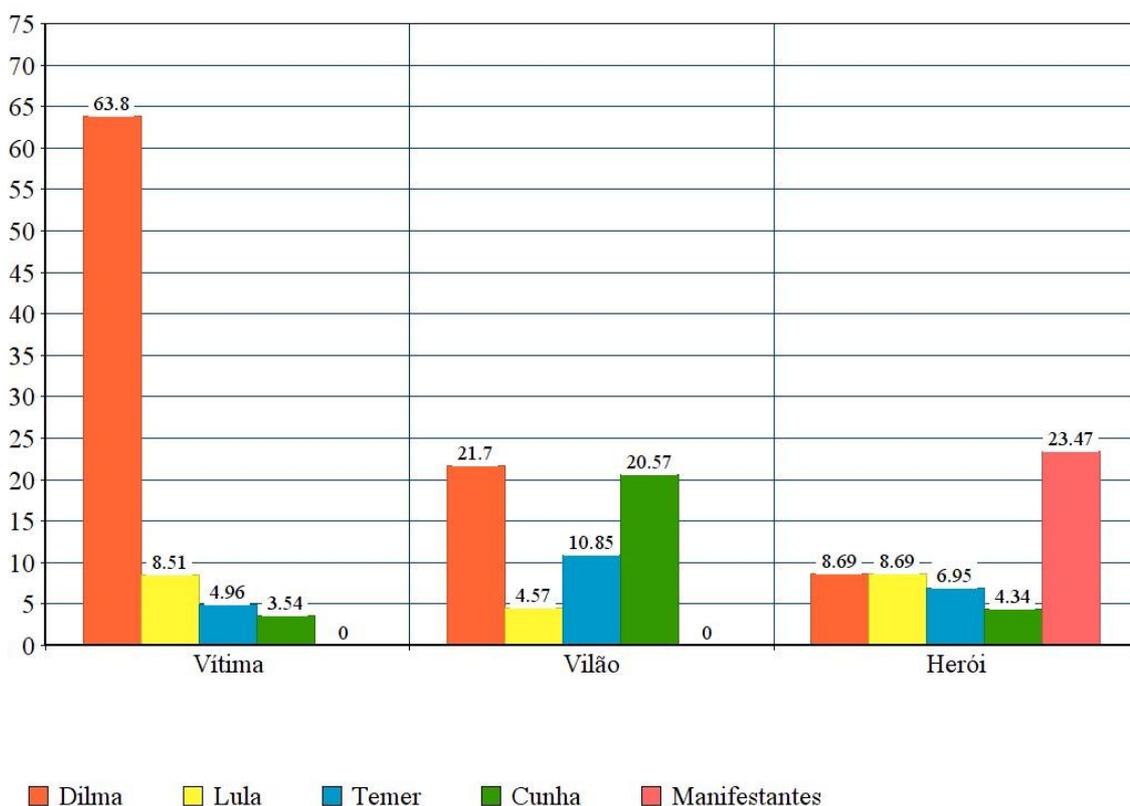


GRÁFICO 1 – Vítimas, heróis e vilões
 FONTE - elaboração própria

Conforme ilustrado no Gráfico 1 acima, Dilma Rousseff é, de longe, a vítima mais frequente (63,8%), mas também são representados como vítima Lula (8,51%), Michel Temer (4,96%) e Eduardo Cunha (3,54%), entre outros com ainda menor aparição. Um exemplo de tal atribuição de papel é a notícia “Isolamento no poder⁴”, que trata da rotina de Rousseff nos dias que antecederam o seu afastamento. Segundo a notícia, Dilma tem recebido apoio popular, porém o apoio declarado de políticos é bastante restrito: “- Só quem aparece são os da Casa, ninguém mais. O

4 O Globo, 9 de maio de 2016.

gabinete dela está totalmente isolado – comenta um assessor. [...] Publicamente também têm sido raros os que mostram a cara em defesa da presidente.”

Dilma também é a vilã mais frequente (21,7%), mas quase empatado com ela está Eduardo Cunha (20,57%). Também aparecem com relativa frequência Michel Temer (10,85%), Delcídio Amaral (5,14%), Lula (4,57%), Collor e PT (ambos com 3,42%). A notícia “Grupo vai pedir impeachment de Dilma por pedaladas mentais⁵” acusa Dilma de envergonhar a população brasileira através de algumas declarações suas que ficaram famosas (por exemplo, quando ela falou na ONU sobre “estocar vento”): “É isso que você espera de uma presidente?”, questiona a militante. O documento alega que tais “fatos notórios de domínio público” são objeto de deboche da população, comprometendo a sociedade brasileira, a economia, a política e as instituições.”

As aparições de Dilma como heroína caem consideravelmente (8,69%). Ela é heroína em duas situações diferentes: quando age para salvar seu mandato (p.ex., “Governo faz última ofensiva para tentar barrar o impeachment⁶”) ou quando defende Lula (p.ex., “Dilma defende Lula e diz que não faz sentido conduzi-lo sobre vara⁷”). Os manifestantes são os heróis mais frequentes (23,47%), com uma leve tendência aos pró-impeachment (12,17% contra 8,69% dos contrários). Os dois lados são citados como heróis ao mesmo tempo em 3,47% das notícias. Lula é herói com a mesma frequência que Dilma (8,69%), Michel Temer figura como herói em 6,95% das notícias, Eduardo Cunha e Sérgio Moro em 4,34% cada um.

Um dos objetivos específicos deste artigo é verificar como a imagem é utilizada como forma de complementação narrativa, reforçando os papéis atribuídos, ou, em alguns casos, indo de encontro a eles. Por isso, a seção seguinte apresenta a análise interpretativa do enquadramento visual das imagens de Dilma Rousseff.

3. A culpa é da vítima

5 FSP, 9 de dezembro de 2015.

6 FSP, 16 de abril de 2016.

7 FSP, 8 de março de 2016.

Rodriguez e Dimitrova (2011, p.50) defendem a importância das imagens na definição das percepções do público acerca das notícias jornalísticas. Segundo as autoras “Images are powerful framing tools because they are less intrusive than words and as such require less cognitive load”. Assim, na recepção das imagens é ativado um processamento periférico e não central, o que tendencia o receptor a aceitar os enquadramentos visuais sem questioná-los.

As mesmas autoras sugerem, a partir disso, que o enquadramento visual se realiza em quatro níveis. O primeiro deles é o nível denotativo, baseado na concepção de Roland Barthes (1990), em que o analista deve responder quem ou o quê é representado, em referência à indexicalidade da imagem. No nível semiótico-estilístico são consideradas as convenções técnicas que atribuem sentidos à leitura das imagens, assim, uma imagem em *close* significa intimidade enquanto uma imagem à grande distância significa contextualização. No nível conotativo os elementos visuais são avaliados enquanto símbolos, capazes de comunicar significados sociais e culturais: “frames evolve by critically examining the perceived signs for their more complex, often culture-bound interpretations.” (RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p. 56). Citando a semiótica peirceana as autoras explicam que símbolos evocam respostas mais fortes do que ícones e índices. Por fim, o nível ideológico reúne os símbolos e as estratégias estilísticas em uma interpretação que busca revelar as razões por trás das representações. Os dois últimos níveis são focados neste artigo, no que chamamos de análise interpretativa das imagens.

Numa análise prévia de 256 matérias nos dois jornais, os níveis denotativo e semiótico-estilístico revelaram que a os personagens mais retratados foram Temer, Cunha e aliados, com 35,5% de aparições, seguido de perto por Dilma, Lula e aliados, presentes em 30,4% das notícias. No nível denotativo, a maioria das imagens não identifica o cenário (o que seria um recurso de contextualização), mostrando o impeachment como um acontecimento quase totalmente personalizado nos ocupantes dos cargos políticos em atividade nos gabinetes. No nível semiótico-estilístico, 81,25% das imagens foram feitas em ângulo normal e 47,26% em plano médio, o que sugere pouca ou nenhuma proximidade com o observador, afastando a

política do cotidiano das pessoas e restringindo-a ao universo do sistema político formal.

Das 138 vezes em que Dilma figurou como vítima, vilã ou heroína nas notícias ela apareceu em 60 imagens (43,4%). Nossa análise interpretativa também se direcionou à atribuição de papéis, como forma de complementar a análise narrativa. Assim, identificamos que 16,6% das imagens eram neutras nesse sentido, conforme a Imagem 1 abaixo, da FSP de 25 de março de 2016.



Imagem 1 – Neutra

Fonte: FSP, 25 de março de 2016

A imagem mostra Dilma sentada em sua mesa em seu gabinete. Atrás dela há um grande quadro e alguns porta-retratos com imagens de familiares. Em sua mesa, além do computador, há materiais de escritório, papéis, livros e um adorno de madeira com o mapa do Brasil. Ela não olha para a câmera. O fato de objetos pessoais e do uso cotidiano de Dilma estarem sendo expostos indica uma proximidade entre ela e o leitor. Mostrar Dilma em uma atividade cotidiana faz com que o público a veja como uma pessoa comum. Assim a foto é neutra do ponto de

vista dos papéis, porém, promove uma conexão emocional entre Dilma e os leitores do jornal.

O papel mais frequentemente atribuído a ela nas imagens é o de vítima (50%), o que acompanha os números da análise narrativa, em que Dilma também foi identificada mais vezes como vítima (65,2%). No exemplo abaixo (Imagem 2) Dilma Rousseff assiste a um aperto de mãos entre dois homens, num evento com os ministros dos Portos, Transportes e Fazenda, mas não é possível identificar quem são eles. A foto deixa a cabeça de Dilma entre os braços dos dois homens e sobre as mãos entrelaçadas, como se ela estivesse sendo “estrangulada”, num recurso de conotação que Barthes (1990) chama de “trucagem”, quando duas imagens separadas (aperto de mão e Dilma assistindo) são aproximadas no mesmo plano. A expressão facial aparenta resignação, tendo os cantos da boca ligeiramente caídos, o que, associado ao título, passa a ideia de “cabeça cortada” do jogo político.

GOVERNO SITIADO A PRESIDENTE

Se perder, estou fora do baralho, diz Dilma

Em entrevista, presidente afirma que, caso sobreviva ao impeachment, fará pacto 'sem vencidos ou vencedores'

Ela voltou a chamar Temer de golpista e declarou que será preciso aumentar tributos, sem detalhar

Tinha que ter ensaiado, afirma petista

VALDO CRUZ
 A quatro dias da votação do pedido de impeachment e com risco de derrota, a presidente Dilma Rousseff reuniu dez jornalistas para dizer que, se ganhar a votação do afastamento, seu “primeiro ato” será fazer uma proposta de “pacto e diálogo” sem “vencidos nem vencedores”.

Mano, porém, durante toda a conversa o tom de ataque a seus adversários dizendo que “há um estado de golpe sandoniceirado” repetiu que seus outros atos o vice Michel Temer (PMDB-SP) e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ).

Na entrevista desta quarta (13), que durou mais de duas horas, a petista falou em alguns momentos como se o impeachment pudesse ser aprovado, ao ser questionada sobre participar de um pacto em caso de derrota, que, “se eu perder, estou fora do baralho”.

Sobre medidas para sair da crise, admitiu que será preciso aumentar tributos.

PACTO
 Sempre criticada pela falta de abertura às negociações, até com sua base aliada, Dilma pareceu passar a imagem de quem, vencida a batalha do impeachment, terá um comportamento pacificador no dia seguinte.

“O meu primeiro ato pós-votação na Câmara é a proposta de um pacto, de uma nova repactuação sem vencidos nem vencedores. Seja pós-Câmara, mas também pós-Senado submetido, que será mais efetivo”, afirmou.

VENCIDOS E VENCEDORES
 Dilma disse que sua proposta será para “todas as forças políticas”, até a oposição, insistindo na proposta de uma pacificação do país após a votação do impeachment, que a oposição e o PMDB consideram que não ganhará a presidente: “Eu vou de-

revez um processo de diálogo” e vou respeitar não só os “meus 34 milhões de votos”, mas também “os dos outros”.

GOLPISTAS
 Durante a entrevista, a presidente voltou a afirmar que todos aqueles que defendem seu impeachment sem crime de responsabilidade são golpistas. “Não há dúvida”. Em um dos trechos em que acabou falando resumiu o que considera a hipótese de derrota, a presidente disse que a aprovação de um impeachment sem provas “marcará profundamente, indelévelmente, a história do presidente cubano no Brasil, macular”.

TEMER E CUNHA
 Dilma fez questão de voltar a atacar duramente tanto Temer como Cunha. “Não acredito, um não age sem outro”. Questionada sobre falar

também de questões financeiras, disse que não se tratava disso, mais de política.

DENÚNCIA
 Elevando o tom de voz, a presidente afirmou que, caso não presidente, tinha de falar algo. “Estou fazendo uma denúncia. Tem um estado de golpe sendo cotapitado no Brasil. Tem tanto aquele que age a favor abertamente como os que agem oculta-mente e os que se contêm, todos sendo responsáveis pelo fato de que não se pode saber que certas atos políticos são sem consequências.”

EMPRESÁRIOS
 Questionada sobre classificar como golpistas empresários que estão programando fechar o shopping no domingo (17), dia da votação na Câmara, a presidente afirmou que não fazia distinção, que coloca todos no mesmo papel caso defendam seu afastamento sem prova, inclusive “um petista, um professor ou um empresário”.

LUTAR ATÉ O FIM
 “Não lutaremos até o fim caso esse impeachment.

Acreditamos que, no dia de domingo, temos todas as chances de barrar o impeachment”. Esse é o recado principal”, disse.

Em seguida, a presidente afirmou que sua “segunda rodada é que, logo depois, se não for um pacto no Brasil”. Lembra que o cinema passou para ela nos últimos dias, depois que o PP decidiu sair do governo, ela diz que “há uma flutuação, vamos dizer uma guerra psicológica”.

FORA DO BARALHO
 Questionada sobre o que vai fazer caso perca a batalha e sobre o impeachment, a presidente respondeu que não teria condições de participar de um pacto.

“Se eu perder, eu estou fora do baralho. Mas não estou falando só da Câmara, estou falando lá no fim, mais ou menos lá para mais [pós-Senado]”, afirmou.

SEM TETO
 Os jornalistas perguntaram sobre o que Dilma teria caso fosse afastada por 180 dias, até a próxima ser julgada no Senado. “Isso ninguém sabe. Não sou a responsável de que o Palácio da Alvorada poderia continuar à sua disposição, respondendo, assim”. Tom saber, não será uma sem-teto”.

AUMENTO DE TRIBUTOS
 Falando sobre o pedido de vitória na votação do impeachment e em medidas para barrar o país da recessão, afirmou que será preciso “aumentar tributos, nenhum país sai de crise sem aumentar tributos”. A petista disse que não fazia apenas da recitação da CPIB que estava tramitando no Congresso, mas também de outros tributos. Ela não quis, porém, detalhar quais.

DRÁGO CRUZ E MARINA DIAS



A presidente Dilma em evento com ministros dos Portos, dos Transportes e da Fazenda no Planalto, nesta quarta (13)

Imagem 2 – Vítima

Fonte – FSP, 14 de abril de 2016

Em relação à narrativa, a frequência da representação de Dilma como vilã e como heroína se inverte. Ela era vilã em 27,5% das narrativas e heroína em 7,2%; nas imagens aparece como vilã em 13,3% e como heroína em 20%. A Imagem 3 exemplifica a representação vilanizada da presidenta:

Temer pode herdar ações no TSE sobre eleições de 2014

Em caso de impedimento de Dilma, vice assume cargo e denúncias de irregularidades na campanha

CRONOGRAMA DA COMISSÃO

4 de abr.	Vencimento do prazo para a defesa da presidente Dilma Rousseff
11 de abr.	Previsão de entrega do relatório e possível votação na comissão
12 de abr.	Em caso de votação, publicação do parecer da comissão
14 de abr.	Processo na ordem do dia para votação em plenário na Câmara

TEMER PODE ASSUMIR AUTORA

Ainda que o autor prefira a distinção das ações, o cenário dos processos, ministra Maria Thereza de Assis Moraes, tende a evitar a associação mais

ações em uma só. A medida foi tomada para facilitar a transição do caso e evitar que o tribunal tome decisões diferentes em processos semelhantes.

As ações estão em diferentes fases de tramitação: três estão em estágio mais avançado, uma continua na etapa inicial. Em uma das ações mais avançadas, foram incluídas provas da Operação Lava Jato enviadas pelo juiz federal Sérgio Moro, de Curitiba. Os documentos, que

refletem as acusações. É a única ação que já está pronta para ser julgada, com poucas possibilidades de posição para Dilma Rousseff e Michel Temer.

No governo com as investigações ainda não iniciadas, os casos questionam as ações da campanha da presidente Dilma. Entre as respostas irregulares, ela está despois antes do limite legal. Financiamento irregular e falta de comprovantes são entre suas maiores denúncias.

À esquerda, Dilma e Temer em entrevista realizada em dezembro dentro de ações também dependem do impedimento

Imagem 3 – Vilã

Fonte – O Globo, 4 de abril de 2016

Aqui Dilma e Temer aparecem de perfil, ela em primeiro plano, ele atrás dela. Seus rostos se sobrepõem, os dois estão sérios. A expressão de Dilma, séria e com o queixo levantado, indica “desprezo”. O fato dela se sobressair, cobrindo o rosto de Temer, transmite a ideia de certa agressividade em relação ao vice. A imagem acompanha a narrativa, que a acusa de prejudicar Temer. Aqui está presente o recurso de “pose” (Barthes, 1990), que converte um gesto espontâneo em gesto convencional, na medida em que a fotografia congela e fragmenta aquele recorte da realidade.

Na Imagem 4 Dilma assume o papel de heroína. Apesar da notícia ser sobre o afastamento da presidenta, a imagem que a acompanha mostra Dilma Rousseff sendo celebrada na frente do Congresso Nacional, carregando um balão de coração como o braço estendido para cima. Esse “objeto”, no sentido de Barthes, é outro recurso conotativo que reforça o simbolismo de afeto que a fotografia deixa transparecer. Está cercada de seguranças e de apoiadores, como se fossem fãs, os quais realizam *selfies* com a presidenta. A imagem simboliza uma heroína sendo carregada pelos seus admiradores.

NOVO GOVERNO PRESIDENTE AFASTADA

Afastada, Dilma diz que foi vítima de injustiça e lutará por mandato

Petista fez dois discursos de 15 minutos após receber intimação de afastamento, no Planalto

Dilma afirma que impeachment é “fraudulento” e governo interino de Temer é “illegítimo”

MARINA DEAS
CUSTAVO REIS
DE BRASÍLIA

Após receber a intimação de seu afastamento do cargo, Dilma Rousseff fez nesta quinta-feira (12) um pronunciamento à imprensa em que admitiu que pode ter cometido erros, mas não “crimes”, e que, por isso, está sendo julgada “injustamente” em um processo que voltou a classificar como “golpe”.

“Estou sendo julgada injustamente por ter feito tudo o que a lei me autorizou a fazer”, disse. “Jamais vou desistir de lutar”, afirmou Dilma no Palácio do Planalto.

Em pouco menos de 15 minutos de discurso, a presidente agora afastada se emocionou quando lembrou do período em que foi torturada na ditadura militar e disse que “desenvio instância mais devastadora” do que “condenar um inocente”.

“Já sofri a dor insuportável da tortura, a dor ativa da doença, e agora sofro mais uma vez a dor igualmente insuportável da injustiça”, afirmou.

Acompanhada de ministros, governadores e parlamentares do PT e da base aliada, Dilma afirmou que vai “lutar até o fim” para tentar recuperar seu mandato e governar até “31 de dezembro de 2018”.

“O destino sempre me reserva muitos desafios, muitos e grandes desafios; alguns parecem a mim insuperáveis, mas eu consegui vencê-los [...] Posso olhar para mim mesmo e ver a face de alguém que, mesmo marcada

pelos golpes e que não terá legitimidade para propor ou implementar soluções para o país. Ela pediu ainda se ver tentado a repitir movimentos populares, o que não foi feito na minha gestão”, disse.

SABOTAGEM

Vestida de branco, Dilma disse ainda que a decisão do Senado em suspender seu mandato por até 180 dias trazia “riscos ao país”.

A presidente agora afastada afirmou que o impeachment é “fraudulento” e que seu governo foi “alvo de intensa e incessante sabotagem”.

A petista repetiu o discurso de que foi esbita por 54 milhões de brasileiros e que a oposição, segundo ela, “incriminada com a desonor”, “passou a conspirar” contra seu mandato, impedindo a recuperação da economia para “tomar à força o que não conquistaram nos urnas”.

Logo depois de seu pronunciamento, Dilma deixou o Planalto pela porta da frente do prédio, no térreo, acompanhada por auxiliares e assessores.

Após se juntar ao ex-presidente Lula, falou a militantes do Partido dos Trabalhadores e de movimentos sociais que a aguardavam na Esplanada dos Ministérios.

Em outro discurso que também durou 15 minutos, a petista disse que estava sendo afastada do cargo porque “nunca cedeu a chantagens” e repetiu que o governo Temer é “illegítimo”.

“Hoje é um dia muito triste. A tristeza é porque vivemos uma hora trágica. A jovem democracia brasileira está sendo objeto de golpe”.

Ao lado da sucessora, Lula parecia apático.

Aplaudiu poucas vezes e estava bastante abatido.



Dilma Rousseff faz discurso em frente ao Planalto após ser notificada de afastamento

Imagem 4 – Heroína

Fonte – FSP, 13 de maio de 2016

É importante ressaltar que a comparação entre as porcentagens da análise da narrativa e da análise visual não podem ser feitas de maneira direta uma vez que tratam de corpus diferentes, o segundo sendo parte do primeiro. A Tabela 1 abaixo mostra os diferentes casos e possibilita algumas conclusões, debatidas a seguir.

Papeis associados a Dilma Rousseff	Análise narrativa – corpus parcial ⁸ (138 notícias)	Análise narrativa – corpus específico ⁹ (60 notícias)	Análise imagem – corpus específico (60 notícias)
Vítima	65,2%	81,6%	50%
Vilã	27,5%	10%	13,3%
Heroína	7,2%	8,3%	20%

4. A anti-heroína do impeachment: o conflito de papeis

Na análise narrativa do corpus específico o papel de vítima aparece com uma frequência consideravelmente superior do que no corpus parcial. Infere-se de tal dado que quando ela é a vítima da narrativa então assume protagonismo, “merecendo”, inclusive, destaque na imagem. Por outro lado, quando ela é vilã as imagens são mais vezes relacionadas aos heróis que lutam contra ela, como os manifestantes ou políticos que apresentam posicionamento favorável ao impeachment, ou ainda, infográficos que explicam a situação econômica, cuja responsabilidade sobre é atribuída a ela.

Um segundo dado fundamental para a análise aqui proposta diz respeito ao conflito de enquadramentos: em 50% dos casos os enquadramentos narrativo e visual são correspondentes; em 16,6% as imagens são neutras; e em mais de 33% há conflito entre eles.

Na notícia do O Globo, de 13 de maio de 2016, “Na despedida, afagos e melancolia”, ela é enquadrada como vítima tanto pela narrativa quanto pela imagem.

⁸ Trata-se somente das notícias que atribuíram algum papel à Dilma Rousseff.

⁹ Trata-se somente das notícias que atribuíram papel à Dilma e que a representavam na imagem.

A narrativa dramatiza (no sentido tomado na pesquisa, ou seja, conta uma história em ordem sequencial) os atos de Dilma no dia em que ela foi afastada provisoriamente do cargo. Embora a coloque o tempo todo no papel de vítima, este trecho específico merece destaque:

A tranquilidade deu lugar à emoção quando Dilma desceu do terceiro para o segundo andar para dar uma declaração à imprensa. A fala de Dilma tocou quem estava em volta, e muitos funcionários choraram enquanto a presidente fazia sua despedida. Ela, no entanto, conseguiu não embargar a voz. Sempre cercada por aliados, desceu do Salão Leste – o mesmo que horas depois foi palco da posse do governo Temer – e, pela porta da frente, saiu do planalto para cumprimentar os manifestantes anti-impeachment que a aguardavam do lado de fora. (O Globo, 13 de maio de 2016).

A imagem (Imagem 5¹⁰) é coerente, nela Dilma discursa na rampa do Planalto, rodeada por apoiadores (assessores, políticos e populares). A parte inferior da imagem é tomada por uma bandeira do Brasil, “objeto” que junto com a fachada do Palácio do Planalto emoldura a imagem e envolve as pessoas. Quase não é possível visualizar Dilma, o plano aberto direciona o foco para a aglomeração ao seu redor. Nesses casos o personagem geralmente pode ser interpretado como herói, devido à estima que recebe das pessoas que o cercam. No caso específico, porém, a associação com a manchete e com o acontecimento em questão (o discurso aconteceu logo após a notícia do seu afastamento) sugere o entendimento de que ela é tida como vítima, recebendo o amparo de seus apoiadores.

10 Nas notícias que continham mais de uma imagem, foi analisada somente a imagem principal (devido ao tamanho ou ordem de aparição).

Na despedida, afagos e melancolia

Segundo assessores, ato que formalizou afastamento de Dilma da Presidência durou cerca de três minutos

CRISTINA ALMEIDA, FERNANDA BRANCO, SILVIO ROSSO E EDUARDO BARRETTA sp@nglo.com.br

BRASÍLIA Não eram 11 h da manhã quando o senador Vicentini abriu (PTB) entregou a Dilma Rousseff a notificação de resultado da votação do Senado que aprovou o processo de impeachment. O ato durou menos de três minutos, mas sofreu o início de uma agitação que pode durar até 100 dias.

O primeiro secretário do Senado, acompanhando a Dilma, chegou ao Palácio do Planalto acompanhado do vice-presidente do Senado, Jorge Viana (PT-AC) e do secretário-geral da Mesa Diretora da Casa, Luiz Fernando Bandeira. Ao receber a notificação, Dilma perguntou onde deveria assinar.

Segundo ministros, não demonstrou emoção ao sacramentar o seu afastamento do cargo. A única manifestação na hora da assinatura foi a de ex-ministro do Trabalho Miguel Rosseto, que gritou "Viva a Democracia!".

Antes, por telefone, Viana já havia informado à presidente os benefícios do cargo a que continuaria sendo direito, como o de morar no Palácio da Alvorada, ter uma equipe de assessores e serviços médicos.

A presidente assinou credê, as chaves, trocou o distintivo passado de bicudo por uma camuflagem no Alvorada. Chegou antes das 10 ao Planalto e recebeu todos os seus ministros, alguns deprimidos e senadores aliados no gabinete para fazer um agradecimento.

Depois, teve um momento mais sentido com os assessores mais próximos — Ricardo Bertrami (Secretaria de Governo), Ingrid Wagner (Gabinete pessoal), José Eduardo Cardoso (ex-advogado-geral do Brasil) e Gilson Azevedo (assessor especial). Era com eles que estava quando a notificação chegou.

PODE TEMER NA DESPEDIDA
A tranquilidade não fugiu à emoção quando Dilma desceu do terceiro para o segundo andar para dar uma declaração à imprensa. A fala de Dilma nesse momento estava em volta, e muitos funcionários choraram enquanto a presidente fazia a sua despedida. Ela, no entanto, conseguiu não embargar a voz. Sempre cercada por aliados, chegou do Salão Leão — o mesmo que horas depois foi palco da posse do governo Temer — e, pela porta da frente, saiu do Planalto para cumprimentar os manifestantes anti-impeachment que a aguardavam do lado de fora.

O grupo gritava em coro: — Fera Temer!
Tentando segurar a emoção, despediu-se e depois passou firme, abraçada e se despediu. Foi o primeiro momento em que saiu do Planalto. Se ela tentava segurar as lágrimas, o cenário do afastamento parecia. Permaneceu atrás de Dilma todo o tempo, boa parte dele com o dedo na boca e fitando o chão, pensativo. Por vezes, aparentemente não achar lugar para ficar.

Só desce antes de encontrar a petista, quando cumprimentou manifestantes e militares petistas e distribuiu beijos e abraços. Depois do evento, porém, Lula, na única declaração que deu aos jornalistas, resumiu, metaforicamente, o seu sentimento: — Eu vou para casa.



Chaque de lado de fora. Ao sair do Planalto, Dilma foi recebida por manifestantes e distribuiu beijos e abraços; ao deixar o cargo, presidente quis deixar a mensagem de que não está isolada



Despedida. Dilma desceu o Palácio ao lado de assessores. Governos estavam vindo com a saída de assessores e correspondentes



Momento ternuro. Dilma beija criança que acompanhava manifestantes

O clima improvisado marcou o ato público. Ao se dirigir aos manifestantes, a presidente afastada seguiu para o lado errado e quase deu de cara com o espolho d'água do Planalto. Acusada, deu meia volta e mudou de direção. Ao encontrar um grupo de apoiadores, Dilma, por cima de uma grade que a separava dos manifestantes, abraçou, beijos, pegou na mão das pessoas, abraçou Bruno e percorreu toda a frente do pagueto pulou na calçada em frente ao Planalto.

JORNALISTAS FORAM HOSTILIZADOS
Enquanto esperava ser populista as filhas gerou do pronunciamento de minutos antes, houve uma confusão entre seguradoras e manifestantes que queriam entrar no local onde Dilma estava. Alguns jornalistas foram hostilizados e teve empurrão-empurrão. Três repórteres da Rede Globo chegaram a ser agredidos, mas sem gravidade.

— Deu para marcar a diferença de que aconteceu com o Collor, não? — perguntou um ex-assessor de Dilma, referindo-se a uma das principais mensagens que a presidente afastada queria deixar na despedida: a de que não está isolada ao abandonar.

Depois da cerimônia no Planalto, Dilma seguiu para o Alvorada, onde almoçou com alguns dos aliados que se mantiveram mais fiéis nos últimos tempos: Lula, Wagner, Gilson, Bertrami, Alaberto Mercadante (ex-ministro da Educação), Nilma Lino Gomes (ex-ministra das Mulheres), Miguel Rosseto (ex-ministro do Trabalho) e o presidente do PT, Rui Falcão. De acordo com ex-

ministros presentes, o abraço foi de solidariedade a Dilma.

— A presidente estava muito ativa. Dentro de um contexto desse, muito sereno. Para a circunstância, foi uma entrega leve — afirmou um dos participantes do momento.

Após o abraço, Dilma reuniu assessores do equipe que a acompanhava no período em que esteve afastada. Ela usou seu perfil nas redes sociais e teve um site para divulgar sua agenda em que indicará o abarcado de que o impeachment é golpe.

Enquanto isso, no Planalto, o clima era de uma despedida. Por cerca de quatro horas, o prédio ficou sem comando. Todos os ministros e assessores de confiança não concentrados deixaram o prédio. Em todos os departamentos, havia apenas um pequeno grupo pingado orientados ou comissionados de cargo mais baixo que, portanto, mantinham a esperança de não serem mandados embora.

— Estamos aqui esperando tentando ficar ou não — confidenciou uma secretária que trabalha no Secretaria de Governo.

— A Dilma tem destino certo nos próximos quatro ou cinco dias: viajar hoje para Porto Alegre, onde vai descansar ao lado da filha, dos netos e familiares. Na volta, deve montar uma agenda de eventos e viagens para defender seu mandato, enquanto o processo de impeachment tramita no Senado. ■

NA SÉRIE globo.com veja mais fotos da saída de Dilma do Planalto

Imagem 5 – correspondência entre os enquadramentos
Fonte – O Globo, 13 de maio de 2016

Essa correspondência só aconteceu, todavia, em metade do corpus específico. Foi bastante frequente o conflito entre os enquadramentos, como é exemplo a seguinte notícia (Imagem 6) do O Globo, de 23 de abril de 2016:

Dilma fala em 'crise' na ONU e em 'golpe' a jornalistas

Presidente critica ministros do STF que contestaram tese de ilegalidade no processo

HENRIQUE GOMES BATISTA
Enviado especial
henrique.batista@globo.com.br

NOVA YORK. A presidente Dilma Rousseff usou ontem dois tons diferentes para se referir à crise que enfrenta no Brasil. Na ONU, de forma mais amena, ressaltou o momento grave pelo qual o país está passando, mas, ao contrário das expectativas, não usou a palavra "golpe" lá à imprensa. Dilma criticou os ministros do Supremo Tribunal Federal que deram opinião favorável sobre a legalidade do processo de impeachment e reafirmaram a tese de "golpe" da presidente. Contudo, afirmou a jornalista internacional que recorreu ao Mercosul e à Unasul para que, segundo ela, "o processo democrático" seja ganho. Ela disse respeito os que propõem antecipação de eleições e voltou a criticar indiretamente o vice-presidente Michel Temer e o presidente da Câmara, Eduardo Cunha.

— Não é a opinião do Supremo. É a de três ministros. São apenas três ministros. E ministros que não deveriam dar opinião porque vão me julgar — criticou Dilma, referindo-se às ponderações de Cezar de Melo, Dias Toffoli e Gilmar Mendes, que afirmaram, na quarta-feira, que o processo de impeachment é constitucional. O anúncio sobre a viagem de Dilma aos Estados Unidos foi antecipado pela colunista Miriam Leitão, do GLOBO. A agência de notícias Reuters, a presidente Dilma denunciou seu impeachment como um "golpe", e disse que iria ao Mercosul para que o Brasil seja suspenso do bloco. — Gostaria de apelar à cláusula democrática se houvesse, a partir de agora, uma ruptura do que eu considero o processo democrático. O Mercosul tem a chamada cláusula democrática, que po-



Mudou o tom. Na ONU, a presidente Dilma assina o Acordo de Paris sobre mudanças climáticas: discurso na entidade foi mais leve que entrevista a jornalistas

“Está em curso no Brasil um golpe. Então, eu gostaria que o Mercosul e a Unasul olhassem esse processo”

Dilma Rousseff
Presidente da República

de ser acionada caso um governo eleito em qualquer um dos Estados-membros seja derrubado, como ocorreu com o Paraguai, em 2012. Isto implica na suspensão das reuniões e pode levar o país a perder benefícios comerciais. — Está em curso no Brasil um golpe. Então eu gostaria que o Mercosul e a Unasul olhassem esse processo — disse aos repórteres brasileiros. Em frente à embaixada brasileira, dois protestos, um a favor e outro contra o impeachment, cada um com cerca de 20 pessoas, foram barulho para chamar a atenção das autoridades brasileiras. Dilma disse que vai “se esforçar muito” para, em sua defesa no Senado, evitar críticas às pro-

postas de novas eleições. — Uma coisa é eleição direta, com voto secreto das pessoas, com o povo brasileiro participando. Agora, tem que ter me dado o direito de defender meu mandato — disse, para alfinetar em seguida: — Quem assumirá os destinos do país? Pessoas legítimas, que não tiveram um voto para presidente? Quem tem acusação de lavagem de dinheiro, de conta no exterior, de processo de corrupção? Não tem contra mim nenhuma acusação de corrupção. **“DÓI, DÓI MUITO”** Ela afirmou ainda que não falou sobre o processo de impeachment na ONU porque “não era o momento”. No discurso em plenário, falou sobre os avanços

climáticos no mundo, nos quais o Brasil teve um papel fundamental. E finalizou: — Não posso concluir a minha intervenção sem mencionar o momento grave que o Brasil está passando. Não tenho dúvidas de que nosso povo será capaz de evitar quaisquer retrocessos. A presidente também criticou a imprensa brasileira por ter noticiado que ela falaria sobre a crise política, sem que, segundo ela, isso fosse verdade. Dilma mostrou-se emotiva ao falar sobre como a família dela encara o processo: — Eu não falo sobre a minha família. Acredito que eles estão sofrendo. Você imagina como sua família estaria se sentindo. Então, não posso falar, porque dói, dói muito. ■

Imagem 6 – conflito entre os enquadramentos

Fonte – O Globo, 23 de abril de 2016

A narrativa a coloca como vítima de um golpe. Ainda que essa não seja a opinião defendida editorialmente pelo jornal, a notícia, porque personalista e declaratória, foca nas ações e discursos de Dilma e não dá espaço para contestação por parte de nenhum outro personagem. O último trecho torna o papel atribuído bastante claro: “[...] Dilma mostrou-se emotiva ao falar sobre como a família dela encara o processo. - Eu não falo sobre a minha família. Acredito que eles estão sofrendo. Você imagina como sua família estaria se sentindo. Então, não posso falar, porque dói, dói muito.” (O Globo, 23 de abril de 2016).

A imagem, entretanto, a enquadra como heroína, e isso fica claro no nível conotativo de análise da imagem. A imagem mostra Dilma na ONU, sua cabeça, posicionada exatamente a frente do símbolo da organização, esconde a projeção cartográfica que é parte central do brasão, e só deixa ver a coroa de louro que envolve o mapa. A coroa parece, então, colocada na cabeça de Dilma. A coroa de louro era considerada o troféu máximo dos atletas gregos, simbolizando vitória e

glória. A coroa, quando considerada como símbolo da realeza, remete ainda à poder, autoridade e liderança. Uma terceira interpretação possibilita associar o símbolo a uma auréola, devido a sua forma semilunar, denotando, assim, o sagrado e o resplendoroso. Em qualquer um dos casos, a imagem coloca Dilma em uma posição de superioridade, não de vítima. Isso se deve ao recurso da “trucagem”.

As evidências apuradas por Ferguson¹¹ (2001 apud RODRIGUEZ; DIMITROVA, 2011, p.50) mostram que o enquadramento visual geralmente é o que sobressai quando há um conflito entre ele e o enquadramento textual: “This may be due not only to the fact that visuals such as photographs seem closer to reality, but also because they have the power to create stronger emotional and immediate cues”.

Se o enquadramento visual prevalece sobre o narrativo, então podemos afirmar que, no caso do período analisado, a imagem de Dilma Rousseff foi a de vítima do processo de impeachment, porém uma vítima que foi abatida lutando e resistindo, como na Imagem 7, na qual ela está ladeada pelos ministros Edinho Silva e Jaques Wagner e mais um segurança, caminhando em cenário não identificado. Com as sobrancelhas arqueadas e olhar direto para a câmera, ela parece desafiar o *spectator* da foto (termo de Barthes). O título atribui “abatimento” ao semblante da presidenta, mas o que prevalece é o olhar destemido, típico dos heróis.

11 Rodriguez e Dimitrova não indicam a referência.



Resultado. Ladoado pelos ministros Edmar Silva e Jaques Wagner, além de um segurança, Dilma chega para seu pronunciamento, seguido de entrevista, no qual se dá início à sua defesa.

Dilma se diz injustiçada e afirma que tem ânimo para lutar até o fim

Demonstrando abatimento, presidente volta a acusar Temer de conspiração

CRUIZANA ALEMCARRO e EDUARDO BARRETO
reportagem especial

matéria. Abatida e apertada na cadeia e no tranco, a presidente Dilma Rousseff foi ontem um pronunciamento, seguido de entrevista, no qual disse se sentir injustiçada com o resultado da votação da Câmara dos Deputados, que antecedeu a abertura de um processo de impeachment. Dilma também afirmou estar indignada, especialmente com o fato de a sessão ter sido presidida por Eduardo Cunha (PSDB-RR), ex-juiz no Supremo Tribunal Federal (STF) por suspeita de corrupção. A presidente alega que o relato da acusação contra ela, os "pedidos fidei" não lhe citando suas declarações de voto. — Eu me sinto injustiçada. Injustiçada porque considero que esse processo é um processo que não tem base de sustentação. A injustiça sempre ocorre quando se estraga o processo de defesa, mas, também, quando, de uma forma abusiva, se acusa alguém por algo, primeiro, que não é crime e, segundo, acusa e ninguém se refere igual é o processo — disse.

Mantendo o discurso de que impeachment é golpe, Dilma recorreu à sua história de luta contra a ditadura e afirmou que, em situações dos pagamentos a bancos públicos, as "providências" não a beneficiaram pessoalmente.

— É o golpe que se usa de uma aparência de processo legal e democrático para perpetuar, talvez, o maior atentado contra a nossa história, que é a injustiça, é o constrangimento — declarou.

O rito do processo de impeachment foi definido a partir de uma decisão do STF em novembro do ano passado, quando a Corte impôs a Cunha regras diferentes das que ele exigia. Semanas depois, quando o governo recuava para aceitar a votação, mas não era o STF negou o pedido do Executivo. No domingo, a Câmara aprovou, com apoio de 72% dos deputados, a autorização para que o Senado abra o processo de impeachment.

No pronunciamento, Dilma disse que não se abateu e insistiu para que não seja estendida a Presidência. Voltou a chamar o vice-presidente Michel Temer de corruptor e traidor.

— É preocupador que um vice-presidente, em exercício do seu mandato, consiga contra a presidente, abertamente, em nenhuma democracia do mundo, uma proposta que fosse tão secta e perniciosa. Porque a sociedade brasileira não gosta de traidor. Porque cada um de nós sabe, também, a injustiça e o dolo que se sente quando se vê a transição não — disse. — Tenho ânimo, força e coragem suficiente para enfrentar esse injustiça.

Dilma falou em três bastões. Chegou ao lado Lemos, ao lado dos ministros Edmar Silva (Comunicação Social) e Jaques Wagner (Fórmula de governo). Apesar de demonstrar abatimento, foi questionada se apontar como uma combinação abusiva para o próximo ano. Disse que o seu voto solidário de Dilma.

— No contexto do que alguns acusaram, não chegou o fim. Será longa e demorada, não é uma luta que envolve apenas o meu mandato. Não é por mim, mas pelas 14 milhões de vozes que tive. É uma luta de todos os brasileiros pela democracia em nosso país. Sem democracia não há e não haverá esse futuro econômico.

Em sua fala inicial, antes responder a perguntas, Dilma voltou a comparecer a luta contra a ditadura com o momento atual, que, a seu ver, também é marcado por uma tentativa de um golpe.

— Estou sendo mais sozinha e dividida, mais isolada, mas não vou deixar em mãos a experiência.

A democracia é sempre o lado certo da História. Segundo Dilma, não há no governo estuda para enviar ao Congresso uma proposta de concessão de novas eleições presidenciais. Sem discussão sobre a entrega de honra de voto ao Senado, onde passa a ocorrer o processo de impeachment, disse que o governo terá uma articulação política "absolutamente diferente" e "qualificada" com os senadores. Para ela, a passagem do processo para o Senado significa que enfrentará um "quarto turno" das eleições presidenciais em 2014, sendo os dois primeiros no primeiro e no segundo, no terceiro da Câmara.

— Teremos em os senadores uma seleção absolutamente diferente da que tivemos com a Câmara — declarou — Teremos uma seleção absolutamente muito qualificada com seus senadores.

Dilma não citou Cunha, deixou claro sua indignação pelo fato de a votação de domingo ter sido conduzida pelo presidente.

— Não há nenhuma razão nenhuma acusação de delito de deputado público não há como mais acusação de impeachment Dilma. Ela não foi acusada de um crime no exterior. Por isso eu me sinto injustiçada. Eu me sinto injustiçada porque aqueles que praticaram esse crime, que têm culpa no exterior, presidente a sessão que trata de uma questão tão grave como é o processo de impeachment de um presidente da República. ■

“Tenho ânimo, força e coragem suficiente para enfrentar essa injustiça”
Dilma Rousseff



Imagem 7 – Vítima altiva
Fonte: O Globo, 19 de abril de 2016.

Dilma Rousseff foi muitas vezes fotografada andando de bicicleta. A depender do recurso de conotação utilizado, a imagem a aproxima ora do papel de vítima ora do papel de heroína, mas sempre de alguém quem mantém sua rotina apesar do cotidiano tumultuado da política durante o processo de impeachment.

Aqui (Imagem 8) ela está andando sozinha de bicicleta – ainda que estivesse sempre acompanhada e a foto seja um recorte da imagem. O título da matéria é acompanhado do “chapéu” “Sem entregar os pontos” e passa a mensagem de que a presidenta resiste, o que pode ser interpretado como atitude de heroína, ainda que muito sutilmente. Dilma olha para a frente numa postura ereta, o que também a

afasta do papel de vítima conferido na narrativa. A mensagem dirige a interpretação para a ideia de que apesar das dificuldades, a personagem segue firme.



Imagem 8 – Isolamento no poder
Fonte – O Globo, 9 de maio de 2016.

Na Imagem 9 que segue, Dilma aparece rindo, com as mãos no peito num gesto que remete a uma reação a algo muito engraçado, acompanhada da legenda “Riso incontido: Dilma afirmou ter tomado conhecimento da notícia durante evento oficial no Planalto”. No contexto da matéria, ela parece rir da situação, o que não condiz com o papel de vítima identificado no texto. A foto coloca Dilma na posição de quem faz pouco caso do fato de que lhe acusam. Isso a aproxima do papel de vilã, como as vilãs de histórias infantis, uma vez que a imagem utiliza a pose como recurso de conotação, que remete ao riso maligno.

Defesa de Dilma deve recorrer ao Supremo

Planalto vai apostar na judicialização do processo como forma de retardar trâmite do afastamento

FERNANDA KRÁKOVICS, RENATA MARIZ
E EMILIANO BRUNETTO
opais@oglobo.com.br

maranh Diante da resistência do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), em paralisar o processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff, o governo estuda acionar o Supremo Tribunal Federal (STF) para garantir o cumprimento da decisão assinada pelo presidente interino da Câmara, Waldir Maranhão (PP-MA). A defesa da presidente insistirá na tese de que, uma vez nua a sessão no plenário da Câmara que autorizou a abertura do processo de impedimento, caiu o aval dos deputados para que o Senado examine o tema.

A ideia é mostrar que a análise do recurso que pedia a anulação da votação — protocolado em 25 de abril pela defesa de Dilma e agora deferido parcialmente por Maranhão — é fundamental para garantir a legalidade do processo. Para reforçar a importância de examinar o pedido, a Advocacia-Geral da União (AGU) vai ressaltar que encaminhou ofício à Câmara para saber sobre o andamento do recurso.

— Ou seja, a comissão reconheceu que aquela decisão poderia interferir nos trabalhos. E, por isso, foi expedido um ofício pelo presidente da comissão ao Eduardo Cunha para que ele informasse qual foi a decisão tomada. Esse ofício não foi respondido — afirmou o ministro José Eduardo Cardozo, advogado-geral da União.

RENAN BALDE DE ÁGUA FRIA

A expectativa do Palácio do Planalto e do PT era que o presidente do Senado suspendesse o processo e aguardasse decisão do plenário da Câmara e do Supremo sobre a anulação deferida pelo presidente interino da Câmara. O governo não esperava que o despacho de Maranhão fosse suficiente para sustentar a nulidade do processo, mas, segundo petistas, queria ganhar tempo.

Após reunião no final da manhã de ontem com a presidente Dilma, Cardozo e os ministros Jacques Wagner (chefia de gabinete) e Ricardo Berzoini (Governo), senadores do PT seguiram para a residência oficial do Senado para conversar com Renan. Para os petistas, foi um balde de água fria quando o peemedebista, considerado um aliado do governo, avisou que não seguraria o processo.

— Quando a gente chegou lá, o Romero Jucá já estava — disse um dos senadores, referindo-se ao senador Romero Jucá (PMDB-RR), um dos principais aliados do vice-presidente Michel Temer.

Sairam do Planalto para a casa de Renan o líder do governo, senador Humberto Costa (PT-PE) e o líder do governo no Congresso, José Frazão (PT-CE), e os senadores Lindbergh Farias (PT-RJ)



Risno Incentido. A presidente Dilma afirmou ter tomado conhecimento da notícia durante evento oficial no Palácio

e Gleisi Hoffmann (PT-PR). Inconformados com a decisão de Renan, senadores do PT dizem que ele abandonou o governo Dilma e se aliou a Temer. Desde o início do processo de impeachment, Renan dizia, em conversas reservadas, que não teria como impedir o afastamento de Dilma se a medida fosse aprovada pela Câmara.

De acordo com senadores petistas, na breve conversa com Dilma, no final da manhã, ela estava cautelosa, na linha do discurso que havia feito em solenidade momentos antes. A decisão de Maranhão foi tomada pública enquanto Dilma anunciava, em cerimônia no Planalto, a criação

de novas universidades.

— Eu soube agora, da mesma forma que vocês souberam. Apareceu nos celulares que todo mundo tem aqui que o recurso foi aceito. E, portanto, o processo está suspenso. Estou falando aqui porque eu não podia, de maneira alguma, fingir que eu não estava sabendo da mesma coisa que vocês estão. Mas não é oficial. Não sei as consequências. Por favor, tenham cautela. Nós vivemos uma conjuntura de manhas e artimanhas — disse Dilma.

Diante da euforia da militância e de parlamentares com a decisão do presidente interino

da Câmara, Dilma não se mostrou otimista, ressaltando que o governo tem pela frente uma disputa “dura” e “cheia de dificuldades”.

— A gente tem que saber que temos pela frente uma disputa dura, uma disputa cheia de dificuldades. Peço encarecidamente aos senhores parlamentares e a todos nós uma certa tranquilidade para lidar com isso. As coisas não se resolvem assim, vai ter muita luta, muita disputa.

Mesmo com os apelos da presidente para se ter cautela, o Planalto virou uma festa. Dilma acabou se irritando com a plateia da solenidade, que interrompia seu discurso para comemorar:

“Não é oficial. Não sei as consequências. Por favor, tenham cautela. Nós vivemos uma conjuntura de manhas e artimanhas”

Dilma Rousseff

militantes visivelmente emocionados.

Tomados pela surpresa, funcionários da Secretaria de Governo sorriam, alguns se abraçavam e perguntavam se Maranhão poderia fazer isso.

— Nossa alegria durou pouco — disse um funcionário do Planalto, logo após Renan anunciar que ignoraria o despacho de Maranhão.

No final da manhã, antes de se reunirem com Renan, deputados e senadores do PT chegaram a comemorar a decisão do presidente interino da Câmara de anular a tramitação do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Eles chegaram a sustentar que o pedido de afastamento da presidente teria que recomençar do zero.

Os petistas vislumbravam um cenário favorável na Câmara para uma nova votação, sem a presença de Eduardo Cunha no comando da Casa.

— Sem Eduardo Cunha, o jogo é diferente, a gente pode trabalhar para ganhar a votação. A gente ganhou tempo — chegou a afirmar Lindbergh. •

Imagem 9 – “Dilmaligna”.¹²

Fonte – O Globo, 10 de maio de 2016.

Diferentemente do enquadramento anterior, no que segue (Imagem 10) Dilma aparece rodeada de mulheres (e seguranças) que lhe oferecem flores. Ela levanta a mão para alcançar uma delas. Sua expressão é de alegria e gratidão. O apoio popular demonstrado aqui pelas mulheres pode, por um lado, reforçar a mensagem da narrativa colocando Dilma como vítima que precisa de proteção e cuidado; por outro lado, prevalece a imagem de Dilma como heroína dessas mulheres que a apoiam especialmente pelo fato de ser mulher. Heroína ao lado dos fracos (excluídos da política que só podem chegar nas proximidades do poder vez ou outra) de quem recebe admiração e solidariedade. O título de um texto ao lado diz que partidos a acusam de se vitimizar. Junto com a imagem, esse título parece ressentir-se do carinho da população para com a presidenta.

12 “Dilmaligna” é um termo utilizado em montagens de humor, especialmente em memes nas redes digitais. N. A.

amarelada envolvendo sua cabeça, junto com o fundo verde e sua roupa azul, remete à bandeira do Brasil, produzindo esteticamente uma ideia de lamento.



A presidente Dilma Rousseff discute pontualmente a imprensa sobre a votação do impeachment, no Planalto

O IMPRACHIMENT PRESIDENTE

Dilma ataca Temer e Cunha e diz que luta só começou

Em 1ª fala após derrota na Câmara, presidente indica que recorrerá ao STF

Discurso repetiu argumento de que antecessores tiveram pedaladas fiscais e não foram punidos

castrocasas
matias da
matias da
matias da

Em sua primeira declaração pública desde a derrota na Câmara dos Deputados, a presidente Dilma Rousseff afirmou que tem os "sentidos e direitos torturados", se sente "indignada" e "imprachada" com a aprovação do impeachment. Também acusou o vice-presidente Michel Temer de traição e conspiração abortida contra ela.

Em pronunciamento segundo (R), o perfil disse que acredita na democracia e acredita no comportamento como o de Temer: "A sociedade não pode se trair".

Dilma afirmou ainda que é vítima de "mais aborrecimentos" que pode haver contra seus povos — em conduta inequívoca.

"Então, eu declaro que não vou ao fim de meu mandato, mas 'no meio do caminho'".

IMPRACHADA
A presidente disse que se sente "imprachada" e "indignada" com a aprovação da abertura do processo de impeachment neste domingo (10) pelo plenário da Câmara. "É muito ruim para o Brasil que o mundo veja que a nossa jovem democracia está sendo punida por uma decisão política e não por uma decisão de justiça", disse. Ela repetiu que não considera crime de responsabilidade nas

condutas "pedaladas fiscais" e acusou a Câmara de ter securitizado a via um tratamento diferente de condutas a seus antecessores. "Os atos dos quais eles me acusam foram praticados por outros presidentes antes de mim e não se caracterizam como delitos em si mesmos".

A petista também acusou a oposição de ter adotado a estratégia de "quanto pior, melhor" para impedir que a governação com estabilidade nos últimos 15 meses.

Além disso, ela afirmou que não almeja mais de "ver alguns instrumentos que merecem o direito de defesa", indicando que a ACI (Associação Geral da União) recorrerá ao Supremo Tribunal Federal questionando o mérito do processo de impeachment.

TEMER

Dilma fez um discurso duro contra o vice Michel Temer (PMDB). "É insultado, é traído, é entorpecido que um vice no exercício de sua mandatos conspira contra o presidente abertamente. Em nenhuma democracia do mundo uma pessoa que assume um cargo seria impedida, por que a sociedade não gosta de trair. Por que não? Porque ela tem de não saber a intenção e não que se sente quando se vê a traição no ar".

CUNHA

Ela criticou ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB), a petista, disse que a aprovação do impeachment foi associada à linguagem de vingança e de desejo de alívio de culpa. "O tempo também se apagou na imagem que se transmitiu ao mundo e o do direito de poder, do abuso de

poder e do descompromisso com as instituições e com as políticas éticas e legais".

Em sua pronunciamento à imprensa, Dilma lembrou que não há coisa que custe mais caro do que o direito de defender, de comprometimento de não ser desrespeitado. O presidente da Câmara é o que por corrupção puniu o acusado de corrupção e contra a lei.

NOVAS ELEIÇÕES

A petista não descartou a possibilidade de convocar o Congresso para antecipar para este ano a eleição presidencial, mas disse que não o avalia neste momento. A proposta é defendida como uma "solução honrosa" por ministros e petistas.

"Tudo o que jamais podemos aceitar é que o cumprimento da legalidade não se dê ao processo. Todas as regras, aborrecidas ou não, podem ser analisadas, mas não antes de serem analisadas".

SENADO

A presidente antecipou que participará pessoalmente de sua defesa no âmbito do Senado Federal e afirmou que ainda não discutiu com o chefe de governo sobre a possibilidade de impeachment na comissão especial. Entretanto, ao afastamento da petista, a presidente Ana de Moraes (PP) tem sido citada pelo PSB e por parte do PMDB.

Dilma informou que se encontra nesta segunda-feira (10) com o presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), e que ele explicou a ela o encaminhamento do processo. A presidente afirmou que a decisão no Senado será "absolutamente diferente" da realizada na Câmara, mas

não detalhou a decisão.

TORTURA E SONHO

Então, eu declaro que sou vítima de torturas e sonhos que não posso viver atualmente. "Sempre muito difícil", mas que tem "força, beleza e coragem" "indignidade por tortura". "Não vou me abater, não vou me deixar punir e não vou lutar contra. Eu sou longo de toda a minha vida".

"Eu acredito que sou vítima de torturas e sonhos, há um ar que me dá um "golpe de tortura".

"Não, eu não estou lutando em uma época em que era muito difícil lutar. Eu a respeito da ditadura aberta, eu não quero, eu quero que seja aberta, eu quero que seja aberta".

Ela disse que a decisão da Câmara não é o começo do fim de sua mandato, mas o início de uma luta que será "longa" e "dolorosa".

Questionada depois se é possível comparecer a que foi, ela disse que o momento é muito difícil. Ela disse que "seu sonho de liberdade e dignidade em milhões de brasileiros".

NOVO GOVERNO

A presidente anunciou que vai se despedir de forma solene e que o impeachment será executado no dia 12 de maio. Ela também anunciou que vai se despedir de forma solene e que o impeachment será executado no dia 12 de maio. Ela também anunciou que vai se despedir de forma solene e que o impeachment será executado no dia 12 de maio.

Imagem 11 – Fotogenia e esteticismo
Fonte – FSP, 19 de abril de 2016

Quando não havia mais possibilidade de reviravolta e o impeachment era dado como certo, essa matéria (Imagem 12) melancólica tenta enquadrar como vilã o papel de Dilma. A presidenta acena numa imagem sem cenário, sugerindo solidão,



isolamento e despedida. Essa imagem não traduz o papel típico de vilã, atribuído a ela na narrativa da matéria, mas de uma vítima, resignada, culpabilizada pelo seu próprio destino.

Para aliados, Dilma colhe o resultado de um estilo centralizador e avesso à política, que a levou ao isolamento

O DECÍDIO DE UMA PRESIDENTE POR ACASO

INTERVISTA
FABRÍCIO RODRIGUES
e CAROLINA ALMEIDA
reportagem

BRASÍLIA — Olig, intermediária... Com essa frase Dilma Rousseff tentou se apresentar aos seus seguidores no internet em maio de 2010. Aquela afirmação, ainda tentando o terreno inseguro da política eleitoral, a deixou em vista como um ser estranho no mundo político e uma pessoa desconfiada entre os brasileiros, que só a viam como a "mulher do Lula". Poucos anos depois, estava, a partir de uma decisão dos ministros e apoiada pela maioria, segundo as pesquisas mais recentes, mais ainda é um corpo estranho para seus pares, que repetem como mantra: "ela não sabe fazer política".

Essa avaliação não está refletida no Congresso. No entanto, a maioria da presidente, a maioria opositora e a que lhe faltou fazer política desde que assumiu. O efeito disso são os efeitos nos últimos dias, durante a busca incessante por votos contra o impeachment.

— Muitos dos votos que a gente poderia ter negociado escapou ao governo ou entendido, não conseguimos garantir porque, em algum momento, o parlamentar foi desvirtuado por ela, ou teve um colega que foi. Ela nunca se impôs em fazer política. Muitos votos comitamos de cada lado com ela — disse um integrante do governo que acompanha Dilma desde 2010.

No Congresso, uma das principais questões é a de que o governo não honra compromissos. — Um dos grandes problemas para a reconquista da base é a falta de credibilidade. Há muita crítica entre os deputados, inclusive entre os próprios, que acessa não compreendem o discurso do deputado do PT, e cinco dias de votação.

— Del março de 2013, essas características não geraram maiores problemas, com Dilma sustentando sua onda de aprovação popular. Um levantamento

do Ibope, de março daquele ano, mostrou que 87% dos entrevistados consideravam seu governo "bom" ou "muito bom". A aprovação passou da presidente era de 79%, seu vice de 70%. Nessa época, a Dilma "bom" ou "muito bom" não produziu nenhuma "matéria" de seus aliados. Em seu primeiro ano de governo, a presidente deu seus primeiros passos após demissões políticas no império. Afinal, ela, acabou sendo aliado oculto questionada. A presidente era forte e popular.

Com o tempo, a aprovação foi diminuindo, e o tratamento dispensado aos aliados começou a piorar. Não há, segundo o levantamento mais recente do Datafolha, apenas 17% da população considerava o governo "bom" ou "muito bom". 80% considerava a administração "ruim" ou "péssima". No Congresso, o governo precisa para manter 172 votos a seu favor. Por partidos como PP, PMDB e PHS, que integram ou integram o primeiro escalão, e abandonam.

TEMPO DE GOVERNAR
Presidente iniciará. Dilma foi escolhida pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como candidata em 2010 depois de meses de negociações e negociações. Ela nunca havia disputado uma eleição. Nesse ponto para mais de cinco anos, a presidente vai no dia logo de seu sucesso, especialmente das conquistas sociais, ao mesmo tempo em que crescem suas críticas, desde quando a Lula ao PT. A situação começou a se deteriorar, e com ela a derrocada de um projeto de 14 anos de poder, começou a se deteriorar as divergências entre aliados e oponentes, a falta de credibilidade do PT e de sua base social.

Na avaliação de aliados, a personalidade e a liderança no trabalho da presidente a dificultou muito também quando a seguir o ambiente de desconfiança em relação à presidente e ainda seu tratamento pessoal e político.

Dilma é detalhista, centralizadora e tenta centralizar suas funções e assessorias para saber em quem pode confiar. Há rumores de que ela não tem estado bastante focada na luta contra o impeachment, mas sempre passou por sua cabeça fazer uma autópsia sobre o que a levou a essa situação.

— Não sabe quando ela vai fazer a autópsia? Nunca, nem em seu momento final de vida — afirmam.

A administração de Dilma, estranha a muitos de seus seguidores e assessores políticos, difunde-se ao longo dos anos a imagem de uma presidente autoritária, que não aceita ser contrariada ou contestada pelos seus aliados.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

sempre apoiou quando assumiu a Casa Civil. Entre os seis meses de governo, deixou a pasta. Dilma se apoiou por um tempo no ministro da Justiça, Gilmar Mendes, mas depois que ele tomou mais informações de que deveria. Dilma também contou muito com Almino Leitão, apontado no Planalto como representante dos grupos de direita, indicada pela presidente durante seu mandato. Em setembro, quando saiu da pasta e voltou a comandar o Ministério da Educação, aliados começaram a se afastar.

— Ela também levou Dilma ao isolamento político. Desde 2011, contou-se nos últimos dias que pessoas próximas de confiança plena da presidente. É mesmo assim, com uma derrocada em alguns momentos. Antônio Palocci, por exemplo,

Assessoria da presidente Rousseff em sua luta e determinação na luta contra o impeachment não foram suficientes para fazer política e manter aliados



Imagem 12 – Vítima resignada
Fonte – O Globo, 17 de abril de 2016

Considerações finais

A análise desse episódio de impeachment narrativo e visual de Dilma Rousseff mostrou que o jornalismo sobre o processo de impeachment de Dilma Rousseff mostrou que o

acontecimento foi noticiado como uma batalha entre os personagens envolvidos na trama política. O enquadramento clássico da política – o jogo e a disputa¹³ – é reforçado pela narrativa e pelas imagens. Assim, Dilma Rousseff é a personagem principal, aquela que é a vítima dos seus adversários, mas uma vítima difícil de abater. Essa dificuldade transparece nas imagens, nas quais o papel de heroína apresenta um percentual maior do que na narrativa. A postura ativa da presidenta se destaca nas imagens ainda que a narrativa trabalhe para rebaixá-la.

Os recursos de conotação mais utilizado são a trucagem – muito comum no fotojornalismo, em que a imagem é formada a partir da sobreposição ou aproximação de duas imagens que separadamente teriam um outro sentido – e a pose – que congela e fragmenta um gesto ou uma expressão facial espontâneos e os converte em imagem convencionalizada, seja como arrogância, medo ou raiva, que cristaliza um sentido para a imagem e imprime no personagem aquela marca.

Fica evidente que uma análise de enquadramento que se debruce apenas sobre um dos modos de comunicação que a cobertura jornalística permite não dá condições de perceber as diferenças e os conflitos de enquadramento presentes em uma mesma notícia. Por isso nossa defesa do aperfeiçoamento da análise de enquadramento multimodal. Neste artigo, não tratamos do enquadramento textual ou noticioso, o que certamente conferiria aos resultados mais consistência e solidez.

O que foi possível observar é que o enquadramento do impeachment com o teor fortemente personalista retira o foco dos processos institucionais da política brasileira e privilegia o duelo entre adversários, o que conduz para uma visão antipolítica da política. E no caso de Dilma Rousseff, sua dignidade parece ter ficado preservada nas imagens, pois os papéis destacados foram o de vítima e heroína, aquela que resiste (sua qualidade de heroína), ainda que tenha pouca força política (seu defeito como vítima). Uma interpretação adicional permite afirmar que o papel de vilã não “colou” na imagem da presidenta, restando o enquadramento de anti-heroína.

13 Entman, 1993; Porto, 2001, 2007; Scheufele, 1999; De Vreese et al, 2001; Rothberg, 2010; e outros.

Referências

- BARTHES, R. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DE VREESE, C.H; PETER, J.; SEMETKO, H. *Framing Politics at the Launch of the Euro: A Cross-National Comparative Study of Frames in the News*. Political Communication, p.107-122, 2001.
- ENTMAN, R. *Framing: toward a clarification of a fractured paradigm*. Journal of Communication, v.43, n.4, 1993.
- MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.), **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- PORTO, M. *A mídia brasileira e a eleição presidencial de 2000 nos EUA: a cobertura do Jornal Folha de S. Paulo*. Cadernos do CEAM, Ano II, n. 6, p.11-32, 2001.
- PORTO, M. *Frame diversity and citizen competence: Towards a critical approach to news quality*. Critical Studies in Media Communication, v. 24, n. 4, p. 303-321, 2007.
- RODRIGUEZ, L.; DIMITROVA, D. *The levels of visual framing*. Journal of Visual Literacy, 2011 Volume 30, Number 1, 48-65.
- ROTHBERG, D. *O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia*. In: CHRISTOFOLETTI, R. *Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo*. Covilhã: Labcom Books, 2010.
- SHEUFELE, D. *Framing as a theory of media effects*. Journal of Communication, vol. 49, n. 1, p. 103-122, 1999.
- WOSNIAK, A.; LÜCK, J.; WESSLER, H. *Frames, Stories, and Images: The Advantages of a Multimodal Approach in Comparative Media Content Research on Climate Change*. Environmental Communication, Dec. 2014.